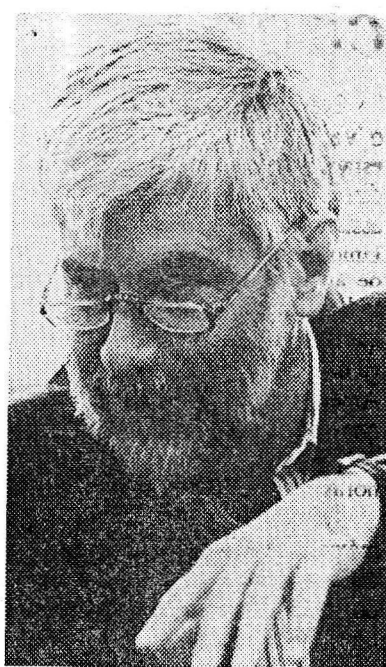




Mário Henrique Simonsen

Índices mostram uma inflação de 210% ao ano



Edmar Bacha

A conversão do principal tem um efeito deletério

Déficit está descontrolado

Edmar Bacha — É preciso que se diga que o déficit está fora de controle. Enquanto o nosso presidente continuar a insistir em construir a sua ferrovia, não há como criar a credibilidade necessária para se controlar o gasto público.

Rogério Werneck — Do ponto de vista da receita fiscal tudo indica que vai haver uma queda muito grande este ano: pela aceleração da inflação e pela redução da taxa de crescimento do PIB. Somado os dois efeitos, o resultado é uma queda de 10% da receita real. Do ponto de vista das tarifas públicas, no primeiro semestre foi feito um esforço louvável pela recuperação. No segundo semestre no entanto, diante da necessidade de controlar a inflação, as tarifas públicas vão ser obviamente privilegiadas no congelamento. Do ponto de vista do custeio, vai ser difícil cortar os salários reais. No setor produtivo estatal e nas autarquias foram feitas correções diferenciadas de salários o que está gerando movimentos fortes pela isonomia. Estão se aproximando negociações complicadas em setembro no Banco do Brasil e na Petrobrás. Quanto à política de taxas de juros, tudo indica que está decidido manter uma taxa real até o final do ano dentro da estratégia da estabilização. Mas o governo, o grande devedor vai pagar o pato: vai haver um aumento do custo da dívida interna e consequentemente do déficit público. Também não vejo sinais de grandes cortes no déficit fiscal do Banco Central. Pelo contrário, o subsídio ao crédito rural vai aumentar algo em torno de 260% acima da inflação.

Singer — A economia brasileira tem uma infinidade de pontos de estrangulamento mas um dos maiores é, sem dúvida, a queda dos investimentos. Os empresários não estão fazendo investimento algum e essa pressão sobre o déficit público

fará com que os investimentos público também retrocedam. Se nada for feito agora para recuperar o nível de investimento, vamos esbarrar na mesma impossibilidade material de crescer mais rapidamente no ano que vem.

Werneck — As previsões mais pessimistas para este ano são de taxa de crescimento do produto de 3% a 4%. Se nós conseguirmos sair dessa farra, como disse o Bacha, que foi a política econômica do ano passado, cruzar toda a ressaca e ainda crescer a 4% este ano, tendo crescido 8,2% no ano passado, é muito mais do que nós merecemos. O que eu quero dizer é que dado o grau de desorganização da economia no primeiro semestre, vai ser uma sorte chegar ao fim do ano crescendo a 4%. A palavra recessão é totalmente descabida. O que está havendo é uma desaceleração e um crescimento muito desigual ao longo do ano.

Maia — Ao contrário. Eu projeto tranquilamente uma recessão para o primeiro semestre do ano que vem. Não tenho dúvida nenhuma.

Simonsen — A única ação concreta do governo foi o realinhamento das tarifas públicas, o que pressupõe que haverá espaço para investimento das empresas estatais. Se nós quisermos realmente plantar crescimento para o futuro num cenário não tão otimista quando do BNDES mas pelo menos que nos permita crescer a 5% ou 6% ao ano, precisam ser resolvidas três questões. Em primeiro lugar, o governo tem que voltar a ser poupador. Na década passada o governo poupava 3% a 4% do PIB e hoje despoupa 1% ou 2% do PIB. Em segundo lugar é preciso restabelecer o clima de confiança para a iniciativa privada. Em terceiro lugar é preciso renegociar a dívida externa, de modo a ter alguma poupança externa.